

75 ANOS DO ESCRITOR PAULO COELHO

35 ANOS DA PUBLICAÇÃO DE *O DIÁRIO DE UM MAGO*

O ALQUIMISTA HÁ 650 SEMANAS NA LISTA DO USA TODAY

O brasileiro vivo com maior influência internacional — e um dos escritores mais lidos do mundo —, Paulo Coelho comemora seus 75 anos no próximo dia 24 de agosto.

Em 2022, celebram-se também os 35 anos da publicação de *O diário de um mago*, seu primeiro best-seller. O livro foi escrito após a peregrinação do autor, em 1986, pelo caminho de Santiago de Compostela, na Espanha, e lançando pela editora Eco, do Rio de Janeiro, no ano seguinte. A experiência pelo caminho de Santiago de Compostela foi transcendental na vida do autor, e o grande sucesso internacional de *O diário de um mago* após sua publicação contribuiu para aumentar substancialmente o número de peregrinos à cidade da Galícia, na Espanha — tanto que, em 1999, Paulo Coelho foi condecorado com a medalha de *Oro de Galicia* por parte do Conselho de Estado da Espanha e, em 2008, a prefeitura local prestou homenagem ao escritor brasileiro dando seu nome a uma das ruas da cidade.

Os livros de Paulo Coelho publicados mundialmente atingiram a assombrosa marca de cerca de 320 milhões de exemplares vendidos em mais de 170 países — o autor mais traduzido da língua portuguesa é publicado em 88 línguas diferentes, entre elas o albanês, o estoniano, o persa (a jornalista Patrícia Campos Mello descobriu versões de *O diário de um mago* nessa língua entre prisioneiros na fortaleza norte-americana de Guantánamo, em Cuba), o hindí, o malaiala (falado no sul da Índia), o marati (falado na costa central ocidental da Índia), o vietnamita e o suaíli (uma das línguas oficiais do Quênia). No Brasil, Paulo Coelho chegou a ter cinco títulos na mesma lista de livros mais vendidos, uma façanha que nenhum outro autor conseguiu realizar.

O Alquimista, seu livro de maior sucesso, foi lançado em junho de 1988, inicialmente pela mesma editora Eco. Como o publisher da editora não acreditava muito no sucesso do título, a reedição de *O Alquimista* saiu pela editora Rocco — e se transformou rapidamente em um dos maiores fenômenos de venda do Brasil. A saída da Eco também marca o momento em que Paulo Coelho começou a trabalhar com Mônica Antunes, sua agente exclusiva até hoje, proprietária da Sant Jordi, com sede em Barcelona. O livro vende cerca de 1 milhão de exemplares todos os anos somente nos Estados Unidos, sendo o mais presenteado a estudantes que terminam o ensino médio no país. Ainda nos Estados Unidos, o maior mercado de livros do mundo, *O Alquimista* tem o recorde de ter permanecido por 427 semanas consecutivas na lista de mais vendidos do jornal *The New York Times* — a relação de best-sellers mais prestigiada da indústria internacional do livro. Em agosto de 2022, o livro alcançou a extraordinária marca de 650 semanas consecutivas na lista de mais vendidos do jornal *USA Today*. A inspiração para o *bestseller* foi uma história persa aproveitada pelo escritor argentino Jorge Luis Borges em seu livro de contos *História universal da infâmia*.

O Alquimista é elogiado e recomendado por líderes mundiais como o ex-presidente americano Barack Obama, a ativista paquistanesa e prêmio Nobel da Paz Malala Yousafzai e o ex-secretário geral das Nações Unidas, o sul-coreano Ban Ki-moon, além de muitos outros; por escritores de renome internacional, como o italiano Umberto Eco e o japonês Kenzaburo Oe, ganhador do prêmio Nobel de Literatura; por personalidades como Gisele Bündchen e Oprah Winfrey, apresentadora e líder de um dos maiores clubes de leitura do mundo; e até por esportistas como o heptacampeão mundial de Fórmula 1 Lewis Hamilton e os superastros da NBA LeBron James e Kobe Bryant — com quem Paulo Coelho planejava escrever um livro para crianças, plano infelizmente impedido pela morte trágica do jogador de basquete. No mercado norte-americano, há um audiobook de *O Alquimista* narrado pelo grande ator inglês Jeremy Irons, vencedor do Oscar de Melhor Ator em 1991.

Com 21 obras e algumas centenas de milhões de exemplares vendidos, Paulo Coelho é publicado pelas mais importantes editoras do mundo, como a Knopf e a Harper Collins, nos Estados Unidos, a Flammarion, na França, a Planeta, na Espanha, a Penguin Random House, no México, e a Kadokawa, no Japão. No Brasil, é publicado pelo selo Paralela, da Companhia das Letras, desde 2016, quando lançou *A espiã*, inspirado na vida misteriosa de Mata Hari, mulher nascida nos Países Baixos e fuzilada durante a Primeira Guerra Mundial. Em 2010, Paulo Coelho organizou para editora inglesa Penguin uma antologia de textos que foram fonte de inspiração para ele; entre os trechos selecionados, estão passagens *De Profundis*, de Oscar Wilde, *Eichmann em Jerusalém*, de Hannah Arendt (em 1982, uma visita aos escombros do campo de concentração nazista de Dachau, na Alemanha, se transforma em uma das experiências mais marcantes da vida do autor e reforça suas convicções de sempre lutar contra os autoritarismos de qualquer matiz ideológico), *O príncipe*, de Maquiavel, *Ficções*, de Jorge Luis Borges, e *Os manuscritos do mar Morto*. Desde o lançamento de seus primeiros best-sellers, *O diário de um mago* e *O Alquimista*, Paulo Coelho cuida zelosamente de detalhes da divulgação e da distribuição de seus livros em todo o mundo, assim como da relação com seus leitores.

Em 1996, Paulo Coelho recebeu a comenda Chevalier da Ordem Nacional da Legião de Honra, concedida pelo presidente da França Jacques Chirac, e, no mesmo país, recebeu o título de Officier dans l'Ordre des Arts e des Lettres em 2003. Ele ocupa a cadeira de número 21 da Academia Brasileira de Letras desde 2002 e, em 2007, tornou-se Mensageiro da Paz das Nações Unidas. Paulo Coelho ganhou cerca de 115 premiações e homenagens de dimensões internacionais, entre as quais o prêmio Grinzane Cavour (Itália, 1996; também concedido a escritores como José Saramago, Doris Lessing e Ian McEwan), o prêmio Goldene Feder (Hamburgo, 2005) e o Hans Christian Andersen Award, concedido pelo International Board on Books for Young People (2010).

Paulo Coelho é conselheiro da Unesco para o Programme on Spiritual Convergences and Intercultural Dialogues e foi membro do board da Fundação Schwab, que promove o Fórum de Davos (“na verdade, o brasileiro que mais conta em Davos chama-se Paulo Coelho, escritor que é também membro da diretoria da Fundação Schwab”, escreveu o jornalista Clóvis Rossi, o repórter brasileiro que mais cobriu o Fórum de Davos, na *Folha de S.Paulo*), e do International Advisory Council do Harvard International Negotiation Program.

Em 2003, *O Alquimista* conquistou o Guinness World Record como o livro que teve mais traduções para outros idiomas; em 2009, Paulo Coelho obteve um novo Guinness World Record como o autor mais traduzido pelo mesmo livro. Ele foi um dos primeiros escritores a usar as redes sociais e, em pesquisa realizada pela agência de relações públicas americana JCPR em 2009, estava entre as cem personalidades mundiais mais seguidas no Twitter (apenas cinco das cem pessoas mencionadas não eram norte-americanas). Em 2017, o escritor foi escolhido como um dos cem pensadores de influência mundial pela Fundação Albert Einstein, do Canadá, que preserva o acervo do gênio da física alemão.

Paulo Coelho sonhava ser escritor desde a adolescência no Rio de Janeiro. Na juventude, já fazia comentários por escrito sobre os livros que lia (aos 25 anos, tinha feito anotações sobre mais de quinhentos livros) e enviava poemas para os críticos literários que tinham colunas de literatura em jornais. Trabalhou em teatro (chegando a dar aulas de direção e interpretação) e em jornais de grande circulação — como *O Globo*, do Rio de Janeiro —, foi editor de periódicos da contracultura (também chamada de “udigrudi” no Brasil) e trabalhou nas gravadoras Polygram e CBS. Em 1970, influenciado pelos movimentos místicos e alternativos, pegou o Trem da Morte para ir até a Bolívia e a Machu Picchu, no Peru. Depois foi para Amsterdã, na Holanda, a capital mundial do movimento hippie. De lá, de ônibus, fez sua primeira excursão ao Oriente, experiência que relata no livro autobiográfico *Hippie*, lançado em 2018.

No início da década de 1970, cruzou com o roqueiro baiano Raul Seixas, e o encontro mudou sua vida. Juntos, os dois compuseram mais de quarenta canções, algumas de imenso sucesso e que se tornaram para sempre clássicos do rock brasileiro, como “Gita” (grande hit também na voz de Maria Bethânia), “Eu nasci há dez mil anos atrás” e “Sociedade Alternativa”. Faria ainda letras para outros importantes compositores brasileiros, como Rita Lee e Zé Rodrix, e até para um dos fundadores da bossa nova, Roberto Menescal, um de seus grandes amigos; ao todo seriam cerca de 120 letras para canções. Sua última participação no universo da canção foi a versão do bolero mexicano “Me vuelves loco”, de Armando Manzanero, grande sucesso no Brasil na voz de Elis Regina como “Me deixas louca”. A versão voltaria a ser gravada pela filha de Elis, a cantora Maria Rita, em 2012.

O espírito livre e ousado de Paulo Coelho custou a ele vários momentos de restrição violenta de sua liberdade: seus pais o internaram em clínicas de tratamento psiquiátrico, onde recebeu inclusive choques elétricos (experiência que narra no livro *Veronika decide morrer*, que motivou um projeto de lei do então senador Eduardo Suplicy proibindo as internações psiquiátricas arbitrárias no Brasil; veja no anexo o texto do autor “Escrevi um livro sobre o asilo mental, papai”), e ele foi detido duas vezes pela repressão da ditadura civil-militar que governou o Brasil entre 1964 e 1985. A primeira vez foi em 1969, quando voltava de uma viagem do Paraguai com a namorada e dois amigos para ver um jogo da seleção brasileira de futebol. A segunda foi em 28 de maio de 1974, no período mais terrível da ditadura: Paulo Coelho foi primeiro detido pelo Dops, o órgão responsável pela repressão, e, depois de liberado, sequestrado do táxi que o levava para casa, detido e torturado. Em artigo para o jornal americano *The Washington Post*, escreveu:

Depois de não sei quanto tempo e quantas sessões (o tempo no inferno não se conta em horas), batem na porta e pedem para que coloque o capuz. [...] Sou levado para uma sala pequena,

toda pintada de negro, com um ar-condicionado fortíssimo. Apagam a luz. Só escuridão, frio, e uma sirene que toca sem parar. Começo a enlouquecer, a ter visões de cavalos. Bato na porta da “geladeira” (descobri mais tarde que esse era o nome), mas ninguém abre. Desmaio. Acordo e desmaio várias vezes, e em uma delas penso: melhor apanhar do que ficar aqui dentro.

Em 1980, Paulo Coelho se casou com a artista plástica Christina Oiticica, que fez as capas de seus primeiros livros e com quem ele vive até hoje em Genebra, na Suíça. Naquela década, o casal fundou e dirigiu a editora Shogun, no Rio de Janeiro. Em 2014, criaram a fundação, com sede naquela cidade, que leva o nome dos dois e que, entre outras atividades, apoia o Solar Menino de Luz, uma obra social no complexo de favelas Pavão, Pavãozinho e Cantagalo. Em 2021, diante da negativa, sob argumentos políticos, ao pedido de que o Festival de Jazz de Capão pudesse ter acesso aos incentivos da Lei Rouanet, a Fundação Paulo Coelho e Christina Oiticica financiou o festival de música da cidade, localizada na Chapada Diamantina. Em julho do mesmo ano, anunciou-se a adaptação para o cinema do livro *O Alquimista*, em que o ator inglês Sebastian de Souza fará o papel de Santiago.

As obras de Paulo Coelho publicadas pela editora Paralela são:

A Espiã

O Alquimista

O Diário de Um Mago

Veronika Decide Morrer

Onze Minutos

Na Margem do Rio Piedra Eu Sentei e Chorei

O Demônio e a Srta. Prym

A Bruxa de Portobello

Hippie

O Dom Supremo

O Monte Cinco

O Vencedor Está Só

Ser Como o Rio Que Flui

Aleph

As Valkírias

Adultério

Manuscrito Encontrado em Accra

Maktub

Manual do Guerreiro da Luz

Brida

O Zahir

ESCREVI UM LIVRO SOBRE O ASILO MENTAL, PAPAI

Paulo Coelho

“Entrei num pequeno cubículo, com paredes de ladrilho. Havia uma cama coberta por uma manta de borracha e um aparelho com uma manivela na cabeceira.

— Então, vou tomar choque elétrico — disse para o dr. Benjamim Gaspar Gomes.

— Não se preocupe. É muito mais traumático de ver do que de levar. Não dói nada.

Deitei-me, e o enfermeiro colocou uma espécie de tubo em minha boca, para que não enrolasse a língua. Depois, colocou dois terminais, parecidos com os auriculares de telefone, nas minhas têmporas.

Eu estava olhando o teto meio descascado do cubículo, quando escutei rodar a manivela. No momento seguinte, parecia que uma cortina se fechava diante dos meus olhos; a visão foi rapidamente se concentrando em apenas um ponto, e tudo ficou escuro.

O médico tinha razão; não doeu nada.”

A cena que acabo de descrever não faz parte do meu livro *Veronika decide morrer*. Eu a escrevi em meu diário durante minha segunda internação em um hospital para doentes mentais. Corria o ano de 1966, o Brasil começava a viver o período negro da ditadura militar (1964-1989), e, por uma reação natural do mecanismo social, a repressão externa começava a se transformar numa repressão interna (mais ou menos o que acontece hoje nos EUA, onde ninguém mais olha uma mulher sem ter um advogado ao lado).

Para tanto, era inadmissível que as boas famílias de classe média aceitassem que seus filhos ou netos fossem “artistas”. No Brasil daquela época, essa palavra era sinônimo de homossexual, comunista, drogado e vagabundo.

Aos 18 anos, eu acreditava que o mundo de meus pais e o meu mundo podiam conviver pacificamente. Fazia o possível para ter boas notas no colégio jesuíta onde estudava, trabalhava durante a tarde, mas, quando chegava a noite, ia viver o meu verdadeiro sonho: “ser artista”. Como não sabia exatamente por onde começar, a única maneira foi engajar-me num grupo amador de teatro. Embora jamais tivesse tido qualquer sonho de atuar profissionalmente, pelo menos estava entre pessoas com as quais tinha afinidades.

Infelizmente, meus pais não pensavam que dois mundos extremos pudessem conviver. E um belo dia, depois de uma noite em que cheguei bêbado em casa, fui acordado por dois enfermeiros musculosos me olhando.

— Você precisa vir conosco — disse um deles.

Minha mãe chorava, meu pai procurava esconder qualquer emoção.

— É para o seu bem-dizia ele. — Vamos fazer uns exames.

E foi assim que começou minha peregrinação pelos hospitais psiquiátricos. Eu era internado, passava pelos tratamentos mais diversos, terminava fugindo na primeira oportunidade, viajava até não aguentar mais, retornava para a casa de meus pais. Vivíamos um período de lua de mel, eu tornava a

entrar para a escola, logo procurava o que a família chamava de “más companhias”, e de novo os enfermeiros apareciam.

Existem certos combates na vida que só têm dois resultados possíveis: ou nos destroem ou nos fazem mais fortes. O hospital psiquiátrico foi um desses combates.

Certa noite, conversando com outro interno, eu disse:

— Sabe de uma coisa? Penso que todo homem, em algum momento da vida, já sonhou em ser Presidente da República. Nem você nem eu podemos aspirar a isso, porque nossa biografia não nos deixará.

— Então não temos mais nada a perder — respondeu o interno. — Vamos fazer o que nos der na cabeça.

Senti que ele tinha razão. A situação em que eu me encontrava era tão inusitada, tão extrema, que trazia consigo um aspecto até então desconhecido: a liberdade total. O esforço que minha família tinha feito para que eu fosse igual a todos dera o resultado exatamente oposto: eu agora era uma pessoa completamente diferente dos meus companheiros de geração.

Naquela mesma noite, analisei meu futuro. Uma das alternativas era ser escritor. A outra, que me parecia muito mais viável, era tornar-me definitivamente louco. Seria sustentado pelo Estado, não precisaria trabalhar nunca mais, assumir qualquer responsabilidade. Claro, teria que passar muitos dias num asilo de doentes mentais, mas, por experiência própria, eu sabia que os internos não se comportavam como os loucos de filmes de Hollywood; com exceção dos casos patológicos, como catatonia ou esquizofrenia, todos os outros eram capazes de discutir sobre a vida com uma rara originalidade em suas avaliações. Vez por outra tinham ataques de pânico, depressão, agressividade — mas eram passageiros.

O grande perigo que corri no hospital psiquiátrico não foi perder, para sempre, a possibilidade de ser Presidente da República. Tampouco foi o fato de considerar-me marginalizado ou injustiçado pela minha família — porque meu coração entendia perfeitamente que as internações eram um ato desesperado de amor, de superproteção. O grande perigo que corri foi achar que a situação em que me encontrava era normal.

Quando saí pela terceira vez, seguindo o famoso ciclo de fuga/ viagem/ volta para casa/ lua de mel com a família/ más companhias/ internação, eu já tinha quase 20 anos e me acostumara com esse ritmo. Dessa vez, porém, alguma coisa havia mudado.

Apesar de voltar a encontrar-me com as “más companhias”, meus pais estavam relutando em internar-me de novo; sem que eu soubesse, eles já estavam convencidos de que eu era um caso perdido e preferiam me ter junto a eles, sustentando-me pelo resto da vida.

Eu me tornava cada vez pior, mais agressivo, e nada de internação. Houve um período de alegria, em que procurei exercer minha suposta liberdade para, finalmente, viver minha vida de “artista”.

Larguei o novo emprego que me tinham conseguido, parei de estudar, dediquei-me exclusivamente ao teatro e aos bares de intelectuais. Durante um longo ano fiz apenas o que quis, até que o grupo de teatro foi dissolvido pela polícia política, os bares passaram a ser espionados, os meus contos eram

sempre rejeitados pelos editores e nenhuma das meninas que eu conhecia tinha qualquer interesse em me namorar — porque eu era um jovem sem futuro, sem carreira definida, sem mesmo ter entrado em uma universidade.

Então, um belo dia, resolvi quebrar todo o meu quarto. Era uma maneira de dizer, sem palavras: “Será que vocês não entendem que eu não posso estar aqui fora? Eu não vou conseguir trabalhar, eu não vou conseguir realizar meu sonho, eu acho que vocês têm toda razão! Eu sou louco e quero voltar para o hospício!”.

Como o destino é irônico. Quando terminei de destruir meu quarto e vi — aliviado — que ligavam para o hospital psiquiátrico, o médico que sempre cuidara de mim estava de férias. Mandaram um estagiário com os dois enfermeiros. O estagiário me viu sentado no meio de uma pilha de livros rasgados, discos quebrados, cortinas destruídas, e mandou que a família e os enfermeiros saíssem. — O que é isso? — ele me perguntou.

Eu não respondi. Um louco deve comportar-se como alguém ausente da realidade.

— Deixa de bobagem — disse o estagiário. — Estive lendo seu prontuário, e de louco você não tem nada. Não vou te internar.

Saíu, receitou uns calmantes, e (eu soube depois) disse aos meus pais que eu estava tendo a “síndrome da internação”: pessoas normais que por algum momento viveram uma situação anormal — como depressão, pânico etc. — e passam a utilizar a doença como a única alternativa da vida. Ou seja, escolhem ser doentes, porque ser “normal” dá muito trabalho. Meus pais escutaram o conselho e nunca mais voltaram a me internar.

A partir daí, o conforto da loucura jamais me seria oferecido de novo. Eu tinha que lambar minhas feridas sozinho, perder as batalhas, ganhar outras, desistir muitas vezes do meu sonho impossível, arranjar empregos burocráticos, até que um dia larguei tudo pela enésima vez, fiz a peregrinação a Santiago de Compostela e entendi que não poderia continuar negando sempre enfrentar o meu destino: “ser artista”. No meu caso específico, ser um escritor. Então, aos 38 anos, decidi escrever o meu primeiro livro e arriscar-me no combate que inconscientemente sempre temera: a luta por um sonho.

Consegui um editor, e esse livro (*O diário de um mago*, sobre a experiência no Caminho de Santiago de Compostela) me levou a *O Alquimista*, que me levou a outros, que me levaram a traduções, que me levaram a conferências e palestras no mundo inteiro; embora estivesse adiando tanto o meu sonho, agora via que não era tão impossível assim e que o Universo sempre conspira a favor daqueles que lutam pelo que querem.

Em 1997, no final de um exaustivo tour promocional por três continentes, comecei a notar algo muito estranho: o que eu havia desejado no dia em que quebrei meu quarto parecia ser uma aspiração coletiva. As pessoas preferiam viver num imenso hospício, seguindo religiosamente regras que ninguém sabe quem criou, a lutar pelo direito de serem diferentes. Numa viagem de avião para Tóquio, vi no jornal o seguinte texto:

“De acordo com o centro de estatística do Canadá, 40% das pessoas entre 15 e 34 anos, 33% das pessoas entre 35 e 54 anos e 20% das pessoas entre 55 e 64 anos já tiveram algum tipo de doença mental. Acredita-se que um em cada cinco indivíduos sofra de algum tipo de transtorno psiquiátrico.”

E pensei: o Canadá não passou por ditadura militar, é considerado o país com maior qualidade de vida do mundo, por que será que lá existem tantos loucos? Por que não estão no hospício?

Essa pergunta me levou a outra: o que é exatamente a loucura?

Encontrei resposta para as duas. A primeira: as pessoas não estão em asilos porque continuam socialmente produtivas. Desde que você seja capaz de chegar às 9h e sair às 17h do emprego, você não é considerado incapaz pela sociedade. Não importa se, das 17h01 até as 8h59, você fica em estado catatônico diante da televisão, tem as mais pervertidas fantasias sexuais na internet, fica olhando a parede, culpando o mundo, sentindo-se injustiçado, com pânico de sair à rua, com excesso de higiene, com falta de higiene, com crises depressivas e choro compulsivo. Enquanto você for capaz de comparecer ao trabalho e dar sua cota para a sociedade, você não constitui uma ameaça. Você só ameaça quando o cálice transborda e, de uma hora para outra, sai na rua com uma metralhadora, entra num filme infantil e mata quinze crianças para alertar ao mundo que *Tom & Jerry* é pernicioso na educação. Enquanto você não fizer isso, é considerado um ser normal.

E a loucura? A loucura é a incapacidade de se comunicar.

Entre a normalidade e a loucura, que no fundo são a mesma coisa, existe um estado intermediário: chama-se “ser diferente”. E as pessoas estavam cada vez com mais medo de “ser diferentes”. No Japão, depois de ter pensado muito sobre as estatísticas que acabara de ler, me veio a ideia de escrever um livro sobre a minha própria experiência. Escrevi *Veronika decide morrer* na terceira pessoa, usando o meu ego feminino, porque sabia que a minha experiência de internação não era o que interessava — e sim os riscos de ser diferente e o horror de ser igual.

Quando terminei, fui falar com meu pai. Depois de passado o período difícil da adolescência e o início da minha juventude, meus pais nunca se perdoaram pelo que fizeram. Eu sempre insistia que tampouco tinha sido algo tão sério e que a prisão (também estive preso três vezes, por razões políticas) tinha me marcado muito mais. Mas meus pais não acreditavam e viviam se culpando.

— Escrevi um livro sobre o asilo mental — disse ao meu pai, de 85 anos. — É um livro de ficção, mas em duas páginas eu me coloquei como personagem. Isso vai tornar públicas as minhas internações psiquiátricas.

Meu pai me olhou nos olhos e disse:

— Tem certeza de que isso não vai te prejudicar?

— Tenho, papai.

— Então vá adiante. Eu já estava cansado de guardar segredo.

Veronika decide morrer saiu em agosto de 1998 no Brasil. Em setembro, eu tinha mais de 1200 e-mails e cartas narrando experiências semelhantes. Em outubro, alguns dos temas tocados no livro — depressão, síndrome do pânico, suicídio — foram discutidos num seminário com repercussão

nacional. Em 22 de janeiro de 1999, o senador Eduardo Suplicy, lendo em plenário trechos do meu livro, conseguiu aprovar uma lei que já tramitava havia dez anos no Congresso brasileiro, proibindo as interações arbitrárias.